Globethics Repository



A antropofagia do mercado de trabalho
[The anthropophagy of the labor market]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Salvadori Dedecca, Claudio
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-12 08:45:03
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162461

A antropofagia do mercado de trabalho

Entrevista com Claudio Salvadori Dedecca

"É interessante observar que, muitas vezes, alguns produtos de natureza imaterial, intangível, dependem de um produto tangível. Com o computador posso ter acesso a um volume enorme de produtos não-tangíveis, mas preciso dele para que esses produtos sejam acessados." A afirmação foi feita por telefone, em entrevista à ***IHU On-Line,*** pelo livre-docente em Ciências Econômicas Cláudio Salvadori Dedecca, professor na Unicamp. Outro aspecto que Dedecca destacou na conversa sobre as tendências do trabalho no século XXI foi a crescente imaterialização das atividades, que podem ser desenvolvidas de qualquer lugar, a distância, fato antes impensável.

Graduado em Ciências Econômicas pela Unicamp, é especialista em Ocupação e Renda pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), mestre e doutor em Ciências Econômicas pela Unicamp. Sua dissertação intitulou-se *Um estudo sobre o emprego e os salários dos trabalhadores nas indústrias alimentícia e metalúrgica* e a tese *Dinâmica econômica e mercado de trabalho na Grande São Paulo.* Dedecca é pós-doutor pela Universidade de Paris XIII (Paris-Nord), na França, e livre-docente pela Unicamp. Escreveu dezenas de artigos científicos e cinco livros, dos quais destacamos ***Racionalização e trabalho no capitalismo avançado.*** Campinas: Unicamp, 1999. É um dos autores da coletânea ***Além da fábrica. Trabalhadores, sindicatos e a nova questão social.*** São Paulo: Boitempo, 2003**,** organizada por Marco Aurélio Santana e José Ricardo Ramalho.

***IHU On-Line* – Quais são as maiores diferenças da fábrica no século XXI daquela da década de 1970 e 1980, auge do sindicalismo? O que mudou?**

Claudio Salvadori Dedecca – A maior mudança, do ponto de vista do contrato de trabalho (porque quando falamos de precariedade, estamos falando de precariedade das condições de execução do contrato de trabalho) não ocorreu no setor industrial. O setor industrial continua tendo um trabalho que é claramente pautado do ponto de vista de uma norma de trabalho, necessidade de um local de trabalho previamente determinado, a existência do trabalho coletivo, ou seja, a concentração de trabalhadores num mesmo espaço. E a precariedade do trabalho industrial vem muito mais do ponto de vista de mudanças na norma salarial, na flexibilização do

salário e no banco de horas. Essa é a maior precariedade que se observa, porque nesses últimos vinte anos há uma proliferação muito grande de atividades dos mais diferentes tipos no setor de serviço, não tendo várias delas local de trabalho, ou o local de trabalho é provisório, que não permite a concretização do trabalho coletivo. Isso é de uma densidade razoável quanto ao número de trabalhadores. Todo o atendimento às empresas de manutenção, mesmo no atendimento às famílias, manutenção de equipamentos, é um trabalho muito individualizado, em que a jornada de trabalho, muitas vezes, não tem visibilidade. O próprio trabalho tem uma visibilidade mais difícil de ser construída. Tem também toda a atividade na área de informática vinculada à tecnologia de informação, em que o trabalho aparece de modo pouco visível, porque, muitas vezes, são trabalhos prestados pontualmente para um contratante, para outro. Há uma diversificação desse trabalho muito grande, porque, no que tange a uma página web, por exemplo, a sua criação dependerá das características do cliente. Fazer uma página web é completamente diferente de produzir um automóvel. O operário está lá todo dia fabricando, tem um espaço para elaboração e que, de certo modo, tem precariedade do ponto de vista de regime de trabalho, jornada de trabalho, mas não é da ordem de quem trabalha no setor de informática, onde o trabalho dura dias ou horas. Portanto, muitas vezes, impede que se estabeleça um contrato de trabalho mais estável. A proliferação dessas atividades de serviço, obviamente tem carregado consigo um grau de precariedade muito grande.

***IHU On-Line* – O que é mais significativo para o capital hoje, o trabalho material ou imaterial?**

Claudio Salvadori Dedecca – Essa é uma questão importante. É inegável que a produção imaterial nos últimos trinta anos cresceu explosivamente. É interessante observar que, muitas vezes, alguns produtos de natureza imaterial, intangível, dependem de um produto tangível. É o caso do computador. Com o computador posso ter acesso a um volume enorme de produtos não-tangíveis, mas preciso do computador para que esses produtos sejam acessados. O telefone celular é outro meio para o qual precisamos ter produtos, como a TV a cabo - para termos serviços, é preciso ter algum produto industrial que dê acesso a eles. Sem dúvida, no século XX, os produtos imateriais terão crescente presença em nossa vida em razão da difusão da tecnologia de informação. Isso acarreta uma transformação brutal no trabalho. Muitas vezes, é difícil visualizarmos o próprio trabalho que essa sociedade material cria, gera, porque o trabalho pode ser feito concomitantemente a outras atividades, ele pode ser feito em qualquer lugar, pode ser feito através de uma rede de computadores em casa, no aeroporto.

O lugar de trabalho

Antigamente tínhamos que estar na fábrica para fazer nosso trabalho. Hoje, não, podemos estar fora da empresa para fazer nosso trabalho. Isso gera um trabalho muito solitário, o que é uma dimensão da precariedade, porque as pessoas não conhecem, não podem ter idéia do que é o trabalho coletivo, mas ela é uma presença crescente em nossa vida. Eu diria que a sociedade capitalista tem a experiência de como organizar e regular o trabalho industrial ou mesmo o trabalho agrícola, o trabalho no comércio é realizado em local fixo. É uma experiência relativamente nova para a sociedade capitalista regular o

trabalho quando o local onde ele se realiza não está plenamente identificado. Mas esse segmento hoje prolifera, gera empregos, ocupações. Nele há uma expansão muito grande de posse de trabalho. Eu acho que não temos experiência ainda de como regular isso, porque hoje acarreta uma precariedade de contrato porque, muitas vezes, se estabelece o trabalho sem direitos, jornadas de trabalho muito extensas, em condições desfavoráveis.

***IHU On-Line* – Com relação ao mercado de trabalho, quais são as principais dificuldades do trabalhador brasileiro hoje para se manter "empregável"?**

Claudio Salvadori Dedecca – O grande problema hoje no Brasil é que temos um crescimento medíocre, e todo crescimento medíocre gera um volume de postos de trabalho baixo. A nossa dificuldade é que temos um mercado de trabalho que cresce a uma taxa se não muito elevada, mas respeitável. Temos uma população economicamente ativa que continua crescendo próxima a 2% e uma economia que não gera posto de trabalho em volume, independentemente se o posto de trabalho é compatível com esse crescimento populacional, da força de trabalho que chega ao mercado de trabalho. Isso tem implicações muito significativas porque temos um mercado de trabalho que, independentemente das características das ocupações existentes, oferece ocupações num volume inferior ao tamanho da população que está no mercado, o que provoca uma situação antropofágica.

Brasil: uma economia precária

As pessoas têm que se transformar em malabaristas para sobreviver no mercado de trabalho. Para a grande maioria, o que se tem visto é que essa é uma estratégia de sobrevivência. Não há emprego para todos, nossa economia é historicamente muito precária porque tem uma enorme quantidade de empregos informais, inclusive de baixa qualidade, produtividade, associada a um comércio ambulante e prestação de serviços pessoais, e a população briga por esses poucos empregos. É como eu disse, o quadro hoje de empregos no Brasil é antropofágico. As pessoas têm que matar um leão por dia para continuar tendo alguma chance de trabalhar. Uma das características desse processo, mais marcantes, tem sido uma deterioração brutal dos níveis de remuneração nos últimos 20 anos. Essa é uma tendência de empobrecimento dos trabalhadores brasileiros muito expressiva.

***IHU On-Line* – Fala-se que a reforma trabalhista é inevitável. É verdade? Como o governo Lula tem se comportado em relação ao mundo do trabalho? É possível fazer um balanço?**

Claudio Salvadori Dedecca – Precisamos reordenar as relações de trabalho no Brasil. Entretanto, não devemos ter a ilusão de tentar reordenar as situações de trabalho numa ausência de crescimento. Isso vai originar uma redução do patamar de direitos da população. Portanto, eu diria que o fundamental hoje seria que o Brasil voltasse a crescer e gerasse postos de trabalho. Nesse processo de ampliação de postos de trabalho, aí sim, deveria olhar-se quais são as necessidades de mudança no marco trabalhista. Acho que não é o momento de se mexer no marco regulatório trabalhista. Fazer isso irá ampliar a precariedade do trabalho. É preciso reordenar o marco trabalhista, mas antes é necessário que o País cresça e melhorem-se as condições do mercado de trabalho.

***IHU On-Line* – Qual é o papel dos sindicatos hoje? Eles têm futuro?**

Claudio Salvadori Dedecca – O papel dos sindicatos é extremamente importante, pois faz parte da democracia. A representação dos diversos segmentos sociais é parte constitutiva e fundamental de qualquer sociedade democrática. Hoje, entretanto, os sindicatos estão profundamente enfraquecidos em função do desemprego. Não só os trabalhadores acabam abraçando estratégias de sobrevivência, mas os próprios sindicatos. Então eu diria que o contexto é muito ruim não só para os sindicatos, mas para as sociedades, porque uma sociedade que não constrói um mundo do trabalho de qualidade e, mais do que isso, leva as pessoas e suas representações a abraçarem uma estratégia de sobrevivência que, na verdade, promete um futuro muito complicado para sua população. O quadro atual do ponto de vista sindical é que nós, hoje, estamos estabelecendo práticas sindicais, eu diria, que, do ponto de vista da democracia, não deveriam ser desvalorizadas.